







Boa Vista Quinta-feira, 04 de fevereiro de 2010

FOLHA

DE BOA VISTA

Ano XXXIV
Edição 5572
Um Jornal Necessário
Boa Vista - RR. quinta, 04 de fevereiro de 2010

Comentar

Imprimir

Enviar por E-mail

Página Inicial **EDITORIAS**

- [Cidades](#)
- [Especiais](#)
- [Esportes](#)
- [Opinião](#)
- [Polícia](#)
- [Política](#)
- [Variedades](#)

- COLUNAS**
- [Despertai](#)
- [Jessé Souza](#)
- [Okíá](#)
- [Parabólica](#)
- [Shirley Rodrigues](#)

Corrida Armamentista na América do Sul?

Fonte: a A A

Elói Martins Senhoras *

A despeito de existir uma agenda institucional de regionalização transnacional comprometida com a segurança e defesa por meio da criação de um Conselho de Defesa Sul-Americano, a conjuntura atual aponta para um crescente rearmamento ou modernização dos arsenais dos países em função da compra massiva de armas.

Definida por um componente de defesa nos países sul-americanos que se assenta no reaparelhamento e na reatualização tecnológica das forças armadas, a atual conjuntura armamentista na América do Sul tem sido beneficiada por distintos canais de financiamento.

De um lado, estão petróleo venezuelano, o cobre chileno e os grãos brasileiros que foram responsáveis pelo aumento do nível das reservas internacionais dos respectivos países, em um contexto dinamizado pelas exportações e pela melhora nos termos de intercâmbio com o aumento do preço das commodities no período entre 2001 e 2008.

De outro lado, está a renovada associação militar Colômbia-Estados Unidos, com a difusão de programas de assistência estadunidense pelo Plano Colômbia com o objetivo direto de combater a produção e o tráfico de

..: Publicidades ..:

A cada R\$30,00 em compras, receba I cupom e participe do sorteio

PROMOÇÃO 3-1

Papel *Journal* é diferente, é legal

1020 AM Rádio FOLHA

Feita para você

cocaína e indireto de consolidar uma política de ingerência estadunidense na região.

O processo regional de incremento nas compras de arsenal bélico na América do Sul vincula-se com um contexto maior de insegurança compartilhada produzido por novas e tradicionais ameaças e que afeta a distintos países em todas as regiões do globo e que repercutiu no pós 11 de Setembro de 2001 em aumento do armamentismo mundial.

Neste contexto, a América do Sul aumentou de maneira significativa os seus gastos militares em 50% ao longo da última década, seguindo atralada de maneira proporcional à tendência mundial de expansão de gastos, o que resultou, mesmo assim, na manutenção de um dos menores índices de investimento relativo na regionalização dos gastos militares em comparação com o resto do mundo.

Tabela - Regionalização dos gastos militares no mundo

| <i>Região</i> | <i>Participação dos Gastos no mundo</i> | <i>Valor absoluto dos gastos</i> | <i>Varição dos Gastos (1999-2009)</i> |
|----------------|---|----------------------------------|---------------------------------------|
| África | 2% | US\$ 20,4 bilhões | +40% |
| Ásia e Oceania | 23% | US\$ 281 bilhões | +53% |
| Oriente Médio | 6% | US\$ 75,6 bilhões | +56% |
| Europa | 26% | US\$320 bilhões | +14% |
| Américas | 49% | US\$603 bilhões | +64% |
| América do Sul | 2,7% | US\$34,1 bilhões | +50% |
| MUNDO | 100% | US\$1226 bilhões | +45% |

Fonte: Tabulação própria. Baseada em dados de SIPRI (2009). www.sipri.org

Embora não haja uma corrida armamentista clássica pela busca de um rompimento do equilíbrio de poder na região registra-se que o processo de reaparelhamento e na reatualização tecnológica das forças armadas é conduzido por diferentes lógicas estratégicas em cada país o que explica um padrão diferenciado de gasto para cada país.

Independentemente da retórica dos presidentes sobre a integração sul-americana, este processo de reaparelhamento produz um efeito de fragmentação na regionalização transnacional à medida que produz vetores de desconfiância entre os países vizinhas, com uma conseqüente blindagem militar das fronteiras, justamente em uma região que fora precursora das agendas de desarmamento.

Esta conjuntura de distensão toma relevo quando se observa que nos fóruns regionais, o reaparelhamento das forças armadas não é discutido ou quando se analisa que as mudanças governamentais na América do Sul trouxeram um novo status quo político-ideológico que coloca em extremos opostos países vizinhos.

As maiores ameaças nesta conjuntura, mais importante do que o volume dos gastos ou da capacidade bélica

dos países, são justamente as divergentes intenções políticas e estratégicas que se formam fragmentando uma possível integração regional. Destacam-se nesta conjuntura fragmentadora as polarizações engendradas pelas apostas defensivas para derrotar o narcotráfico e as guerrilhas na Colômbia com auxílio externo dos Estados Unidos vis-à-vis às propostas expansivas do movimento socialista-bolivariano impulsionado pela Venezuela.

* Economista



Principal



Assinatura



Expediente



Denúncias



Classificados



Fale Conosco

Copyright © 2010 - Folha de Boa Vista - Todos os Direitos Reservados